

# UMA ANÁLISE INSTITUCIONAL PARA A ESCOLA DE HOJE: A FECUNDIDADE DO PENSAMENTO DE FOUCAULT E CERTEAU

<sup>1</sup>Hebio Ribeiro Lopes Junior; <sup>2</sup>Lohan Costa Lobo & <sup>3</sup>Rosa Cristina Monteiro .

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia, IE/UFRRJ.

<sup>2</sup>Discente do Curso de Psicologia, IE/UFRRJ

<sup>3</sup>Professora do Departamento de Psicologia, IE/UFRRJ.

Palavras-chave: análise institucional; educação; Foucault; Michel de Certeau

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca fazer transitar, no campo da Análise Institucional, reflexões de cunho observacional teórico, cujas explanações são oriundas do estágio profissional obrigatório do curso de Psicologia – UFRRJ. Estágio este realizado na Escola Municipal Panaro Figueira, localizada na cidade de Seropédica – RJ. Escola que conta com 1.700 alunos do ensino fundamental distribuídos em três turnos. O trabalho procura a partir da analítica foucaultiana de poder e também das fecundas e pertinentes exposições do erudito e analista cultural Michel de Certeau, para quem: “a presença e a circulação de uma representação, ensinada como o código da promoção sócio econômica (por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indica, de modo algum, o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram.” (CERTEAU, 1994, p. 41), desse jeito, engendrar possibilidades de estudos e análises das instituições escolares de [e para] hoje. Para tanto, cabe mencionarmos que a pesquisa sobre o conceito de poder nas análises foucaultianas desloca o conceito de poder de *coisa* para *relação*, ou seja, não incide sobre “o que é o poder”, mas centra a discussão sobre “como ele funciona”, “como age o poder”. Foucault “pulveriza e descentra o poder; ele não trata o poder como uma ‘coisa’ que emane de um centro, que se possua, se transfira e que ‘tenha uma natureza ou substância própria, unitária e localizável” (VEIGA-NETO, 2003, p. 145). Desse modo, o poder está sempre envolvido em qualquer relação. E, por isso, deve ser compreendido e analisado num processo em movimento e dinâmico. Logo, “a Análise Institucional pretende trabalhar a contradição, seguir uma lógica dialética em oposição à lógica identitária característica das demais ciências” (LOURAU, 1993, p. 10) e assim cartografar, ainda que *microscopicamente*, onde e como as relações de poder são manifestas.

## METODOLOGIA

Por se tratar de trabalho com características teóricas e observacionais, buscou-se analisar fontes bibliográficas de especialistas na área – nacionais e internacionais – a fim de confeccionar pré-projeto de estágio e apresentá-lo. Autores como René Lourau, Michel de Certeau e Heliana Conde tiveram suas obras consultadas. Assim, com a apresentação do projeto, o assentimento e a indicação da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte de Seropédica, iniciamos, na escola, a observação participante. Tratou-se de estabelecer, durante três meses, contato com alunos, direção e funcionários e nos integramos ao cotidiano da escola. Foram realizadas anotações e relatórios, bem como breves entrevistas semiestruturadas com alunos e direção. Para o referido trabalho oito alunos e o diretor terão algumas falas/práticas mencionadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao tomarmos a instituição “não como prédio, mas uma dinâmica contraditória construindo-se *na* (e *em*) história, ou tempo” (LOURAU, 1993, p. 11) detectaremos certos movimentos, estratégias empregadas nas (e em) diferentes direções, pois “não há relações de poder sem resistências, que são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder” (VEIGA-NETO, 2006, p. 22) – Onde há poder, há resistências. Por exemplo, a fala do diretor denuncia tal situação: “já fiz de tudo para que os alunos obedecessem no uso do uniforme, mas eles sempre dão um jeito de burlar o jeito correto de usá-lo.” (M.L, diretor da instituição). Tal fala remete ao uso “incorreto” dos uniformes, pois alguns alunos (as) colocavam certos adereços nos mesmos, dispensando as ordens tanto da secretaria como do diretor que as deveria fazê-las concretas. Ao que três alunos nos disseram: “nós usamos assim por que fica mais bonito [o uniforme] e desse jeito não somos ‘zuados’ na

comunidade” (C.M., V.T. e L.V, alunos do 9ºano). Destarte, a burla da qual se referiu o diretor, vai ao encontro das teses de Certau, porquanto seus escritos mostram uma inversão na perspectiva de como o cotidiano tem sido analisado, porque deslocam a atenção “do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos, para a criação anônima, nascida da prática, do desvio no uso desses produtos” (GIARD, L., In: Certeau, M., 1994, p.17). A liberdade e inventividade também marcam a dinâmica das relações na escola. Os alunos, por não terem um espaço adequado e amplo, vão para a rua e desse jeito, nos intervalos e/ou nos horários de entrada e saída, fazem da própria rua um “espaço praticado” (CERTEAU, 1994), contrariando as próprias convenções normativas de lugar da escola: “o bom de ficar na rua é que a gente pode ver o trânsito, conversar melhor, ver mais coisas e ter mais liberdade” (M.C., aluna do 9º ano). Outra condição “subversiva” em termos de análise pode ser encontrada em um modo bem peculiar que alunos encontraram de tornar mais apreciáveis seus materiais didáticos. Observamos que quatro alunos grafitaram seus livros e cadernos, tornando-os mais estéticos num embelezamento de extrema acurácia. Tal observação nos é interessante, pois indica capacidade de se maravilhar e confiar na inteligência e na inventividade do ‘mais fraco’, em face de uma convicção ética e política, alimentada por uma sensibilidade estética, que nos dá, a partir de Certeau, possibilidades de crer firmemente na “liberdade gazeteira das práticas”, de ver diferenças e de perceber as microrresistências que fundam microliberdades (DURAN, 2007). A própria forma com que os professores se relacionam com os conteúdos curriculares, “muitos duros e descolados da realidade e do contexto mais imediato do aluno,” (M.L., diretor) e que têm que sofrer “adaptações” e às vezes “supressões” para se tornarem mais “digeríveis” aos alunos, demonstrando assim que até os professores e gestores escolares também consomem os artefatos pedagógicos à sua maneira, assim, referindo-se às relações instituintes, às burlas dos consumidores de tais políticas, de que nos fala Certeau. Mais especialmente às invenções dos professores e dos alunos, as formas como interpretam as políticas educacionais, as suas maneiras de fazer – a pesquisa das práticas – a lógica do cotidiano (DURAN, 2007, p. 117).

## CONCLUSÃO

A partir dos textos lidos e práticas e discursos analisados, concluímos que quando lidas de maneira complementar, tanto a analítica foucaultiana como as interpretações de Michel de Certeau a respeito da posição ativa dos sujeitos em relação, pode-se observar (e encontrar), sob a nomenclatura do desvio, não a pura negatividade moral, e sim caminhos para possibilidades e resistências, estratégias e “táticas” empregadas pelos mais “fracos”, cujo intuito é fazer valer a própria vontade, individual e libertária, ante a totalização institucional que procura liquefazer o sujeito singular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DURAN, M.C.G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau, **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.
- GIARD, L. História de uma pesquisa. IN: CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (p.09-32).
- JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and. RODRIGUES, HBC., orgs. **Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. 309 p. ISBN: 978-85-7982-061-8.
- LOURAU, R. René Lourau na UERJ. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**, 1993.
- RODRIGUES, H.B.C. O homem sem qualidades. história oral, memória e modos de subjetivação. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 2, n. 2, 2º semestre de 2004.
- VEIGA-NETO, A. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: **Figuras de Foucault**. Organizado por Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 13-34.